

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Exportações gaúchas: o que esperar de 2002*

Álvaro Antônio Garcia**

Este trabalho visa relatar a situação conjuntural, nos primeiros meses de 2002, dos principais produtos gaúchos de exportação. O texto está estruturado para passar ao leitor, primeiramente, uma idéia sobre o que ocorreu, no ano 2001, com o comércio exterior de cada produto, depois, de como está o mercado internacional nestes primeiros meses de 2002 e, por último, o que se pode esperar das exportações desse produto para o resto do ano. Nas considerações finais, busca-se sintetizar as idéias mais relevantes desenvolvidas no estudo.

Calçados

Principal produto da pauta de exportação do Rio Grande do Sul, o calçado gaúcho é vendido para mais de 80 países. Entretanto mais de 70% das vendas concentram-se nos Estados Unidos, enquanto Argentina e Reino Unido disputam, ou melhor, disputavam, a condição de segundo maior importador do Estado. Nos últimos anos, essa posição vinha sendo obtida pela Argentina, que absorvia em torno de 8% das exportações gaúchas de calçados. Em 2001, a desaceleração da economia norte-americana e a crise argentina não foram suficientes para impedir um crescimento — muito pequeno, é verdade, de menos de 2% — na comercialização externa desse produto. Mas o início de 2002 não

* Este texto foi elaborado com dados disponíveis até 31.05.02. Todas as informações estatísticas constantes neste texto cuja fonte não é citada foram extraídas do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior/Sistema de Análise de Informações de Comércio Exterior (MDIC/Sistema Alice), através do *site* <http://www.portaldosexportador.gov.br>

** Economista da FEE e Professor da Unisinos.

O autor agradece à Economista Teresinha Bello pelos comentários e sugestões à versão preliminar do texto e à estagiária Valéria Piolti da Silva pela coleta e organização das informações.

vem sendo nada bom, embora haja esperança de uma atenuação desse quadro até o final do ano.

No primeiro quadrimestre, conforme mostra a Tabela 1, as exportações declinaram quase 12% ante igual período de 2001, isto é, passaram de US\$ 445 milhões para US\$ 393 milhões. Para os Estados Unidos, a queda de 9% poderá ser revertida ao longo do ano, ou ao menos minimizada, uma vez sustentada a recuperação da economia daquele país, que, no primeiro trimestre do ano, cresceu 5,8%. Os próprios dados de abril de 2002 já foram alentadores para o setor calçadista, visto que houve um aumento nas exportações de 5% sobre o mesmo mês do ano anterior. Por outro lado, o Reino Unido, ainda que, até agora, importando praticamente o mesmo valor do ano 2001, deverá consolidar-se como segundo maior mercado para o calçado gaúcho, em função da *debâcle* argentina.

Com efeito, como não poderia deixar de ser, as maiores perdas, em termos proporcionais, decorreram do agravamento da situação econômica na Argentina. Para aquele vizinho do Prata, as vendas de calçados caíram de US\$ 32 milhões para apenas US\$ 3 milhões entre os dois quadrimestres considerados, ou seja, uma redução de 91%. Dada a gravidade da crise argentina, a par da redução da renda naquele país e, portanto, das encomendas, houve o natural retraimento por parte dos exportadores gaúchos, seja porque não receberam o que lhes era devido no prazo combinado, seja porque a garantia de recebimento futuro ficou comprometida pela falta de divisas, para que os importadores argentinos pudessem honrar seus compromissos. Decisivo, porém, foi o próprio encarecimento, em pesos, do produto brasileiro no mercado platino, como resultado da forte desvalorização da moeda argentina frente ao dólar.

O Vice-Presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), Ricardo Wirth, demonstra bem o seu pessimismo em relação ao mercado argentino, ao afirmar que, até dezembro de 2001, os exportadores gaúchos recebiam US\$ 10 pelo par de sapatos vendido — o que equivalia a 10 pesos —, enquanto esse mesmo par era repassado ao consumidor — colocado na “vitrine” — por 40 pesos. Ao final de maio, com o dólar valendo três pesos, esse mesmo par estava sendo comercializado no varejo a 120 pesos. Ou seja, inviabilizando as exportações gaúchas (Exportadores..., 2002).

Dessa forma, os calçadistas do Rio Grande do Sul, que já vinham há mais tempo tentando a conquista de novos mercados, redobram seus esforços neste começo de 2002. Até na Oceania buscaram clientes. Entretanto o mercado externo desse produto é muito concorrido, e a possibilidade de sucesso não só é difícil, como também requer tempo. Os exportadores gaúchos tentaram colocar em outros países, como Venezuela e México, pelo menos parte da produção destinada originalmente à Argentina. Mas o excesso de oferta fez os preços caírem, e os resultados foram pouco alentadores. Até maio de 2002, dessas

tentativas de abertura/consolidação de mercados, a única relativamente bem-sucedida foi aquela realizada com o México, para onde o Rio Grande do Sul exportou, nos primeiros quatro meses de 2002, o valor de US\$ 9 milhões, o dobro do vendido em igual período do ano anterior. Essa posição coloca o México praticamente empatado com o Canadá, na terceira posição entre os maiores importadores de calçados do Estado. Mas cada um deles com pouco mais de 2% do total. Assim sendo, tudo indica que, mais uma vez, as exportações gaúchas de calçados vão depender quase exclusivamente do desempenho da economia norte-americana.

Fumo

Em 2001, além da taxa cambial, três outros fatores colaboraram para a boa performance das vendas externas de fumo, tradicionalmente o segundo produto da pauta de exportações gaúchas. Esses três fatores foram uma safra de excelente qualidade, a queda na produção de dois outros grandes exportadores, os Estados Unidos e o Zimbábue, e o crescimento da demanda por parte da China. O valor obtido em 2001 superou em 14% o resultado do ano anterior. A dúvida agora é se, em 2002, as exportações de fumo alcançarão o patamar de 2001, ou, numa hipótese otimista, se poderão superá-lo.

Em função dos resultados do primeiro quadrimestre do ano, a resposta é não, ou melhor, já será um grande feito se as exportações, ao longo de 2002, conseguirem igualar o desempenho do ano anterior. Isto porque, de janeiro a abril do ano em curso, as vendas externas de fumo alcançaram US\$ 151 milhões, um resultado 13% inferior aos US\$ 173 milhões obtidos em idêntico período de 2001 (Tabela 1). Mesmo quando o resultado aparece desagregado pelos dois mais importantes tipos de fumo exportados pelo Estado, o Virgínia e o *burley*, mantém-se a queda, o primeiro em 4% e o segundo em 40% (Tabela 2). Todavia, por alguns motivos, essa performance negativa inicial pode ser amenizada, ou mesmo revertida, ao longo do ano.

Em primeiro lugar, a safra de fumo 2001/2002 foi recorde no Sul do Brasil, sua comercialização está atrasada, e o grosso das exportações ocorre a partir de junho.¹ Ademais, mantém-se a redução da produção nos Estados Unidos e em Zimbábue; no primeiro, devido ao alto custo de produção e, no segundo, devido a problemas sociopolíticos. A Índia, outra grande produtora mundial, por

¹ O Sul produz praticamente a totalidade do produto no Brasil. Desse total, o Rio Grande do Sul produz 52%, Santa Catarina 35% e Paraná 12%, mas 85% da exportação é realizada pelo estado gaúcho, devido à concentração da indústria na região de Santa Cruz do Sul.

problemas conjunturais, reduziu a plantação de fumo em três de suas províncias, enquanto se mantém a demanda da China, maior produtora mundial, mas também importadora de fumos de melhor qualidade. Por fim, os maiores mercados para o fumo gaúcho, Estados Unidos e União Européia, continuam compradores, enquanto mercados conquistados mais recentemente, como o da Coreia do Sul e o da Turquia, vêm apresentando expressivo crescimento. Por tudo isso, o Sindicato das Indústrias do Fumo estima que as exportações brasileiras possam crescer 4% este ano, ou seja, atingir US\$ 1 bilhão, dos quais US\$ 854 milhões deverão resultar de fumo embarcado no Rio Grande do Sul (Cigana, 2002).

Complexo soja

Sustentada por uma safra recorde de 7 milhões de toneladas, foi excelente a performance exportadora do complexo soja do Rio Grande do Sul em 2001. Apesar dos subsídios gastos pelo governo norte-americano na comercialização dessa oleaginosa, o que reduz artificialmente os preços internacionais e, assim, retira fatias de mercado dos concorrentes — Brasil e Argentina basicamente —, as exportações gaúchas do complexo soja cresceram algo em torno de 70% em 2001. A par de uma grande oferta, o produto nacional ainda se manteve competitivo graças à desvalorização cambial e às tradicionais vantagens em termos de preço da terra e da mão-de-obra. Mas foram alguns fatores conjunturais os principais responsáveis pelo salto nas exportações.

Primeiro, o mercado foi afetado pelo crescimento da demanda européia, especialmente por farelo de soja, devido à substituição do farelo de osso pelo de soja na composição das rações animais. Esse foi um dos efeitos da febre aftosa e da doença da “vaca louca”, que atingiram o rebanho bovino europeu. Além disso, ocorreu também o aquecimento da demanda na China, país que adquiriu a maior parte dos grãos de soja exportados pelo Estado. Registre-se ainda o aumento das vendas de óleo de soja, especialmente para a Índia.

Para 2002, o quadro favorável de 2001 pode não se repetir. É provável que dois desses acontecimentos, a demanda européia por farelo e a chinesa por grãos, não se verifiquem, pelo menos com a mesma intensidade do ano anterior. Além disso, a safra gaúcha deste ano não foi como a do ano passado. Com efeito, diferentemente do Brasil, que terá um crescimento na produção de soja da ordem de 10%, o Rio Grande do Sul deverá colher na safra 2001/2002 um volume 15% inferior ao da safra precedente, em consequência de uma prolongada estiagem.

Os dados sobre o comércio exterior do complexo soja no primeiro quadrimestre têm pouco significado, porque incluem pelo menos dois meses de

entressafra. Além disso, a comercialização deste ano está num ritmo mais lento, porque os produtores estão capitalizados — em função do bom resultado obtido na safra anterior — e, assim, prorrogam a venda à espera de melhores preços. De qualquer forma, a soma dos valores correspondentes às exportações gaúchas de grão, farelo e óleo atingiu US\$ 66 milhões de janeiro a abril de 2002, frente a US\$ 110 milhões em igual período do ano anterior, ou seja, verificou-se um decréscimo de 40% (Tabela 2). A maior redução verificou-se no comércio de grãos, cujas exportações para a China estiveram literalmente paralisadas nesse período, enquanto, no mesmo período do ano passado, haviam alcançado US\$ 25 milhões. Aqui cabe outra explicação.

No começo de 2002, uma resolução do governo chinês exigindo que toda a soja desembarcada em seu território deveria apresentar um certificado do país de origem esclarecendo suas características genéticas, vale dizer, classificando-a como produto convencional ou transgênico, criou uma grande confusão no mercado internacional dessa oleaginosa. Isso paralisou as exportações brasileiras para aquele país do Extremo Oriente, porque o Brasil não tinha como oferecer tal garantia à medida que não possuía uma legislação específica que permitisse a classificação do produto em convencional ou modificado geneticamente. Mais ainda, oficialmente estava proibido o cultivo de transgênicos no Brasil para fins comerciais, embora fosse de conhecimento geral a sua disseminação pelas lavouras do país, principalmente nas da Região Sul. Isso devido à proximidade com a Argentina, de onde, supõe-se, as sementes modificadas geneticamente teriam sido contrabandeadas. Criou-se, assim, um impasse: como poderia o Brasil garantir tratar-se de um produto convencional, se, numa eventual inspeção pelas autoridades chinesas, seria bem possível o aparecimento de grãos transgênicos?

Posteriormente, por pressão dos países produtores, a China concordou em revogar a dita resolução, ou melhor, criou um período de transição, até 20 de dezembro de 2002, durante o qual funcionariam normas mais flexíveis, como certificados de segurança temporários e genéricos. Além disso, autoridades chinesas afirmaram a uma missão de empresários e representantes do governo brasileiro naquele país que a China “não rejeitará embarques brasileiros de soja convencional se forem encontrados traços de transgênicos em amostras” (China ..., 2002). Com isso, o problema ficou temporariamente solucionado, embora, de qualquer forma, o Brasil deva resolver essa questão dos transgênicos até o final de dezembro, se quiser manter suas exportações para a China.

Pelas razões acima mencionadas, é provável que, a partir de maio, o Rio Grande do Sul retome as exportações para o mercado chinês e recupere, pelo menos em parte, o que não foi negociado até abril. Dificilmente, entretanto, repetirá a exportação de grãos de soja verificada em 2001, não tanto por estar “atrasado” nas vendas, mas porque, além da menor colheita do Estado em 2002,

a expectativa é a de que a China venha a importar, neste ano, menos 10% do que adquiriu no ano passado.

Em relação ao farelo de soja, existe a perspectiva da manutenção e até mesmo de um pequeno crescimento nas exportações, porque, embora os problemas sanitários na Europa estejam aparentemente sob controle, há sinais de que deverá manter-se a substituição do farelo de base animal pelo de soja. Já quanto ao óleo de soja, a esperança é o mercado indiano, para onde há estimativas de um crescimento anual de até 600 mil toneladas, das quais o Brasil poderia colaborar com 100 mil, além das 400 mil já colocadas naquele mercado em 2001. Nesse caso, o País teria uma vantagem sobre a Argentina, principal exportadora para aquele país asiático e, agora, favorecida pela desvalorização do peso: a capacidade de aumentar sua produção, visto que o parque industrial brasileiro trabalha com uma capacidade ociosa de 25% a 30% (Baldi, 2002).

De tudo que foi exposto, é razoável admitir-se que, até o final do ano, o Rio Grande do Sul venha a melhorar seu desempenho exportador no complexo soja, embora não deva repetir a performance alcançada no ano passado.

Carne de aves

O ano 2001 foi muito bom para as exportações gaúchas de aves, uma vez que, comparativamente ao ano anterior, cresceram tanto as vendas externas de frangos inteiros, em 63%, quanto as de cortes de frango, em 98%. Esses aumentos foram possíveis porque os problemas sanitários no rebanho bovino europeu (febre aftosa e "vaca louca") levaram boa parte dos consumidores daquela região a substituir carne vermelha por carne branca. Disso se aproveitou a competitiva indústria nacional, concentrada nos três estados do Sul, para incrementar as exportações de cortes para a União Européia, e as de frangos inteiros para a Rússia, a par de manter mercados tradicionais como os do Oriente Médio, particularmente o da Arábia Saudita, e os do Extremo Oriente, com destaque para o de Hong Kong² e o do Japão. Para este último, ocorreu uma significativa expansão das exportações a partir do segundo semestre de 2001, com a produção gaúcha ocupando espaços de tradicionais concorrentes, que tiveram problemas sanitários, primeiramente a China e depois os Estados Unidos.

² Hong Kong voltou a pertencer à China após 1º de julho de 1997, mantendo, entretanto, um certo grau de autonomia administrativa. Essa autonomia administrativa justifica o lançamento, em separado, do comércio de Hong Kong com o Brasil.

Conforme mostra a Tabela 2, no primeiro quadrimestre de 2002 em relação ao mesmo período do ano anterior, continuou a expansão nas vendas de cortes — de US\$ 45 milhões para US\$ 59 milhões, crescimento de 30% — enquanto caíram as exportações de frangos inteiros — de US\$ 49 milhões para US\$ 48 milhões, redução de 3%.

Em relação aos cortes de frango, as vendas vêm sendo puxadas pelo mercado nipônico e deverão manter-se enquanto os gaúchos conseguirem resistir às pressões norte-americanas pela retomada daquele mercado, uma vez que os problemas sanitários nas granjas dos Estados Unidos já foram solucionados e este país reiniciou negociações com o Japão. Por outro lado, as vendas para a União Européia, o maior mercado desse produto, já não demonstram o mesmo ímpeto do ano passado, o que se explica pela gradual retomada do consumo de carne bovina na Europa, tendo em vista o controle dos problemas sanitários. Ademais, o reingresso no mercado internacional de tradicionais fornecedores, como a China e a Tailândia, vem deprimindo o preço do frango nesse primeiro quadrimestre de 2002. Há que se ressaltar que o preço do produto nacional é competitivo, mas, à medida que o mercado europeu vai se estreitando, as indústrias avícolas daquela região começam a pressionar por barreiras protecionistas.

Quanto às exportações de frangos inteiros, registre-se que até o momento a redução das exportações para a Arábia Saudita vem sendo compensada pelo crescimento da demanda em outros países do próprio Oriente Médio, como os Emirados Árabes Unidos, e da África, como Angola e o Egito. No entanto, o grande diferencial no ano passado foram as vendas para a Rússia, que, embora ainda se mantendo como o segundo maior mercado para os frangos inteiros do Rio Grande do Sul, vem reduzindo suas aquisições.

Existe ainda uma preocupação adicional para os avicultores: a quebra na safra de milho no Estado obrigará sua aquisição em outros estados ou países. Nesse caso, o preço do frete e/ou o comportamento da taxa cambial poderão elevar os custos de produção, reduzindo, assim, a competitividade do produto gaúcho.

Do que foi exposto, e considerando agora a produção de aves como um todo, é razoável supor-se que, se o Estado mantiver o mesmo patamar das exportações do ano passado, já terá realizado um bom desempenho.

Carne de suínos

A suinocultura do Rio Grande do Sul perdeu, no ano passado, uma ótima oportunidade de firmar-se no cenário internacional. Com efeito, devido aos já mencionados problemas sanitários na Europa, a Rússia, uma grande importa-

dora de carne suína, redirecionou suas compras para outros mercados, dentre os quais o Brasil. Os produtores gaúchos, entretanto, não puderam beneficiar-se porque o reaparecimento da febre aftosa no Estado, em maio de 2001, levou aquele país a suspender as importações originárias dessa região do Brasil. Assim, o Rio Grande do Sul teve de contentar-se em permanecer com seus mercados tradicionais, a Argentina, Hong Kong e o Uruguai. Considerando-se as vendas para esses três mercados, aquelas para a Rússia, durante o pequeno período em que não durou o embargo³, e para um ou outro mercado de ocasião, as exportações de carnes de suínos (congeladas) atingiram em 2001 um montante 26% superior ao do ano anterior. Foi um bom resultado, mas poderia ter sido muito melhor não fosse a impossibilidade de exportar para a Rússia. Para se ter uma idéia da perda que isso representou para o Rio Grande do Sul, basta lembrar os dados relativos ao Brasil para o mesmo período, que mostram um crescimento de 56%, sendo que, só para a Rússia, as exportações nacionais aumentaram 534%.

Em 2002, o Estado quer voltar a participar com aproximadamente 27% dos embarques nacionais de carne suína, seu percentual histórico nas exportações brasileiras. Isso, no entanto, não será fácil. Nos primeiros quatro meses deste ano, quando comparadas ao mesmo período de 2001, as exportações gaúchas desse produto sofreram uma redução de 52%, ou seja, passaram de US\$ 18 milhões para US\$ 9 milhões (Tabela 2). A maior queda aconteceu no comércio com a Argentina, para onde as exportações declinaram 80% — de US\$ 10 milhões para US\$ 2 milhões —, embora também tenham declinado as vendas para Hong Kong e para o Uruguai em 15% e 19% respectivamente. A proibição do produto desembarcado em Hong Kong ser direcionado para o resto da China e o contágio do Uruguai pela crise argentina são as causas do resultado negativo com esses dois mercados, segundo a Associação da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (Abipecs) (Rússia ..., 2002).

Nesse mesmo período, o comércio de carne suína do Brasil com esses mercados também caiu, mas foi mais que compensado pela elevação das exportações para a Rússia, o que não pôde acontecer com o Rio Grande do Sul. Todavia, uma vez que o embargo ao Estado foi levantado em meados de abril, é provável que a partir de maio já apareçam, nas estatísticas, exportações de carne suína gaúcha para a Rússia. De agora em diante, trata-se, portanto, do Estado “correr em busca do tempo perdido”.

³ As vendas estiveram liberadas apenas em março e abril de 2001. Isto porque um embargo anterior, também pelo mesmo problema de febre aftosa no Estado, havia iniciado em outubro de 2000 e encerrado em fevereiro de 2001.

Ainda em relação ao comércio internacional de produtos suínos, deve-se ressaltar que, até os primeiros cinco meses do ano, se mostravam infrutíferas as tentativas dos exportadores brasileiros, e gaúchos obviamente, de obterem autorização para colocar seus produtos no mercado da União Européia. Segundo fontes do setor, uma missão daquele bloco econômico que visitou o país em março para estudar a abertura de mercado veio “com lupa”, ou seja, “querendo encontrar problemas na produção brasileira” (Barreiras..., 2002). Outro mercado que o Brasil vem tentando conquistar, mas também sem sucesso, é o japonês. O Japão é o maior importador de carne suína do mundo, e a conquista de seu mercado, juntamente com o da União Européia, poderia de fato revolucionar o setor de carne suína no Brasil.

Carne bovina

No ano 2001, as exportações gaúchas de carne bovina foram prejudicadas em função do aparecimento de focos de febre aftosa no Estado. Assim, a partir de maio do ano citado, o Rio Grande do Sul perdeu mercados importantes, como o da União Européia, o do Chile e o de Israel. A par disso, produtores de outras regiões do país, como o Brasil Central, aproveitaram-se dos focos de febre aftosa surgidos nos rebanhos da Europa, Argentina e Uruguai e aumentaram suas vendas no mercado externo. Dessa forma, o Rio Grande do Sul, que, nos últimos anos, vinha participando com cerca de 10% no total do volume embarcado pelo Brasil, viu esse percentual cair para 5%.

Por outro lado, as exportações gaúchas de carne bovina no total das exportações do Estado, apresentam, normalmente, uma participação pouco expressiva, e tudo indica que assim continuará até que o setor consiga abrir mercados mais importantes para sua carne *in natura*, como o dos Estados Unidos, que impõem barreiras fitossanitárias ao produto brasileiro.

Entre janeiro e abril de 2002, como soe acontecer, o segmento exportador mais importante em termos de carne bovina foi o de carne industrializada (preparações alimentícias e conservas, de bovinos), que, conforme mostra a Tabela 2, apresentou um acréscimo de 19%, embora sobre uma base pequena, de quase US\$ 7 milhões. Como também normalmente acontece, os principais compradores foram os Estados Unidos.

Para todo o ano 2002, existem algumas expectativas favoráveis e outras nem tanto. Por um lado, desde o início do ano foram retomadas as vendas de carne bovina desossada e maturada para a Europa; é bastante provável que o Chile reinicie as aquisições a partir de junho; e ainda existe a possibilidade de o Estado voltar a vender para o Egito. Um pouco mais distante, para outubro, quando completa um ano desde o sacrifício do último animal infectado, existe a

expectativa de o Rio Grande do Sul retomar a condição de “zona livre de febre aftosa com vacinação”, o que permitiria seu retorno à disputa pelo tão almejado mercado norte-americano de carne *in natura* (Indústria..., 2002). Por outro lado, deve-se ressaltar que 2002 marca o “reingresso” da Europa, da Argentina e do Uruguai no mercado internacional da carne bovina, já com seus problemas sanitários resolvidos, além da desvalorização do peso argentino. Seguramente esses fatores acirrarão a concorrência e tenderão a deprimir os preços.

Couros

O ano 2001 foi atípico no comércio internacional de couros, beneficiando algumas regiões em detrimento de outras. A doença da “vaca louca” na Europa e o surto da febre aftosa na Argentina e na Europa reduziram, nessas regiões, o número de abates de bovinos para fins comerciais, o que acabou gerando especulações sobre a falta de couro no mercado e elevando seu preço durante o primeiro semestre do ano. Disso se aproveitaram outros fornecedores mundiais, dentre os quais o Rio Grande do Sul. No segundo semestre, as especulações mostraram-se acima da realidade de mercado, e os preços acabaram desabando. Mesmo assim, considerando-se o ano todo, o resultado foi positivo para os produtores gaúchos de couro, uma vez que as exportações evoluíram 9% em 2001 comparativamente a 2000.

Para 2002, os dados acumulados até abril mostram um total exportado de US\$ 89 milhões, o que significa uma queda de 10% sobre idêntico período do ano anterior (Tabela 1). É cedo para tecer prognósticos sobre o comportamento dessa variável ao longo do ano, ainda mais porque existem tanto aspectos favoráveis como desfavoráveis a influenciar o desempenho do setor. Dentre os aspectos favoráveis, poder-se-iam enumerar a esperada recuperação da economia norte-americana, o crescimento da demanda por parte da China e a boa expectativa de colocação, no mercado internacional, de um produto de maior valor agregado — o couro acabado, muito utilizado na indústria de estofamento, que tem crescido bastante em nível mundial. Ademais, deve-se considerar que, a partir do segundo semestre, o desempenho será comparado com uma base de preços mais condizente com a realidade, a do segundo semestre do ano anterior. Dentre os aspectos desfavoráveis, têm-se os impostos em cascata, que penalizam mais o produto acabado, a volta da normalidade no mercado internacional e a ascensão de um concorrente, a Argentina, agora aparentemente livre da febre aftosa e com o peso bastante desvalorizado.

Produtos petroquímicos

A estagnação/desaquecimento nos principais mercados importadores de produtos petroquímicos gaúchos, o da Argentina, que compra principalmente polietilenos, e o dos Estados Unidos, que adquire mais benzeno, foi a causa do péssimo desempenho exportador desse segmento produtivo ao longo de 2001. Embora o Estado venda mais para a Argentina, a desaceleração da economia norte-americana também colaborou decisivamente para a performance do setor, uma vez que viabilizou um excesso global de oferta, refletindo numa queda dos preços em nível internacional. Assim, no ano passado, reduziram-se as vendas externas tanto do Capítulo 39 da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) "plásticos e suas obras", que inclui os polietilenos, quanto as do Capítulo 29, "produtos químicos orgânicos", que inclui o benzeno. No primeiro, a queda foi de 30% e, no segundo, de 50%.

Nesses primeiros meses de 2002, a pergunta que cabe é se as exportações do setor já atingiram o fundo do poço, ou se, ainda neste ano, o resultado final será negativo, apesar de a comparação ser com um ano-base de desempenho sofrível, pois, no primeiro quadrimestre, a queda continua. Conforme mostra a Tabela 2, os três tipos de polietilenos — relacionados entre as 50 mercadorias mais exportadas pelo Estado — apresentaram redução, que variou de 24% a 50%, enquanto a exportação de benzeno caiu 62%. A performance dos primeiros reflete a derrocada da economia argentina, e a do último expressa que a recuperação norte-americana ainda não foi suficiente para reverter a tendência nas vendas externas de benzeno.

Mesmo assim, há sinais de melhora, não em relação ao mercado argentino, onde até agora a recessão só se acelerou, mas em relação ao mercado norte-americano. Porque, mesmo que os Estados Unidos não adquiram de forma expressiva as resinas produzidas pelas indústrias de segunda geração do Pólo Petroquímico de Triunfo, o gigantismo de sua demanda reflete sobremaneira nos preços internacionais. E estes vêm sendo elevados, graças à retomada do crescimento da economia norte-americana. Em abril, a tonelada da resina, que chegou a custar US\$ 450 em janeiro, já estava entre US\$ 600 e US\$ 700, próxima dos US\$ 900, considerados satisfatórios por um executivo da indústria petroquímica (Ipiranga..., 2002). Além dessa recuperação dos preços externos, deve-se destacar também que, neste início de 2002, os exportadores gaúchos conseguiram amenizar um pouco a perda do mercado argentino, colocando produtos petroquímicos na China e em Hong Kong.

Outros produtos

Da grande quantidade de mercadorias que compõem o Capítulo 84 da NCM (“reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos e suas partes”), o Rio Grande do Sul destaca-se na exportação de motores diesel. Conforme a Tabela 2, foram US\$ 48 milhões entre janeiro e abril de 2002, frente a US\$ 39 milhões em igual período do ano anterior, significando um crescimento de 23%.

Em função da desvalorização cambial de 1999 e dos próprios custos de produção, nos últimos anos, a indústria de autopeças localizada no Brasil ganhou destaque na divisão internacional do trabalho, particularmente no comércio intra-industrial. Nesse sentido, o crescimento das exportações gaúchas de motores diesel, já verificado no ano passado e que certamente voltará a acontecer neste ano, decorre de contratos estabelecidos entre a International Engines South America, do grupo norte-americano International Engines Group, e a Ford, dos Estados Unidos e do México, para o fornecimento do motor V8 Power Stroke 7,3 litros.⁴ Além desses dois países da América do Norte, a unidade da International localizada no Rio Grande do Sul também mantém contratos de exportação com a Rand Lover, da Inglaterra, para o fornecimento do motor High Speed Diesel (HSD) de 2,5 litros. Para esses três países, a empresa pretende exportar 40 mil motores em 2002, o que representará um crescimento de 38% sobre as 29 mil unidades vendidas em 2001 (Moraes, 2002).

Do Capítulo 87 da NCM (“veículos automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios”), o Estado destaca-se na exportação de carroçarias (para ônibus), ônibus (de diversos tamanhos) e tratores. Conforme mostra a Tabela 2, entre janeiro e abril de 2002 e igual período do ano anterior, enquanto as vendas de carroçarias ao Exterior caíram 16% (de US\$ 35 milhões para US\$ 30 milhões), subiram 55% as de tratores (de US\$ 15 milhões para US\$ 23 milhões) e 126% as de ônibus (de US\$ 9 milhões para US\$ 21 milhões).

No mercado externo de carroçarias e ônibus, atua basicamente a Marcopolo, de Caxias do Sul, enquanto o segmento de tratores (e outras máquinas agrícolas) é liderado por duas multinacionais, a AGCO, que fabrica produtos Massey Ferguson, e a John Deere. Em 2001, a AGCO, que produz tratores em Canoas, foi responsável por 70% das exportações nacionais desse produto. Todas essas empresas projetaram crescimento das exportações para 2002, entre 10% e 20%. Portanto, comparativamente ao resultado deste primeiro quadrimestre,

⁴ O International Engines Group — que primeiro adquiriu parte e posteriormente a totalidade da Maxisson Motores — possui, na América do Sul, além da unidade fabril de Canoas, uma planta de motores diesel em Córdoba, na Argentina.

deverão, em termos percentuais, reduzir-se as exportações de ônibus e tratores e aumentar as vendas externas de carroçarias. A vantagem da Marcopolo é uma certa independência em relação aos mercados da Argentina e dos Estados Unidos, uma vez que a empresa coloca uma parte expressiva de seus produtos no México, na África do Sul e em países do Oriente Médio, da América do Sul e da América Central. O mesmo não acontece com a AGCO, que tem como maior mercado externo o dos Estados Unidos, e com a John Deere, que vende basicamente para a Argentina. A AGCO, no entanto, tem um nicho de mercado praticamente cativo nos Estados Unidos, em função do comércio intrafirma⁵, e a John Deere vem tentando substituir o mercado argentino pelo de outros países da América Latina (Exportações ..., 2002).

Por fim, alguns comentários sobre o comércio externo de móveis. O Rio Grande do Sul é o segundo maior produtor nacional de móveis, atrás apenas de Santa Catarina, e, em 2001 foi responsável por, aproximadamente, 30% das exportações brasileiras do setor. Mas o fato de essas vendas externas há algum tempo estarem concentradas no mercado argentino e no mercado norte-americano fez com que a expectativa inicial de crescimento ao redor de 10% amargasse uma queda de 5%.

Para 2002, as perspectivas para as exportações de móveis não são animadoras. Nos quatro primeiros meses deste ano, as vendas externas desse produto pelo Estado haviam alcançado US\$ 40 milhões, 18% a menos que os US\$ 49 milhões obtidos em idêntico período do ano anterior. A grande derrocada, como não poderia deixar de ser, verificou-se nas vendas para a Argentina: de US\$ 12 milhões para US\$ 500 mil entre os períodos supracitados. O Uruguai, quarto maior mercado comprador de móveis do Rio Grande do Sul, também reduziu suas aquisições, de US\$ 5 milhões para US\$ 3 milhões. A performance desse setor só não está sendo pior porque parte dos quase US\$ 14 milhões “perdidos” no comércio com os países do Prata vem sendo recuperada no comércio com os Estados Unidos — para onde as exportações passaram de US\$ 10 milhões para US\$ 13 milhões — e com outros países da Europa e da América Latina. Dessa forma, o comportamento do setor ao longo do ano parece depender do quanto esses mercados citados anteriormente conseguirão absorver das inevitáveis perdas na Argentina e no Uruguai.

⁵ Ver Garcia (2002, p. 107).

Considerações finais

Há duas certezas quanto ao desempenho das exportações gaúchas em 2002. Em primeiro lugar, é inevitável uma queda nas vendas para a Argentina, ainda restando definir se isso vai assumir ares de tragédia, como aconteceu nesses primeiros quatro meses do ano, em que a redução foi de quase 80%, ou se passará a existir uma tendência à reversão do quadro, com resultados não tão ruins com o passar dos meses. Esta última alternativa não é descabida, até mesmo porque a comparação será com meses do período anterior, nos quais se deteriorava o comércio com o vizinho do Prata, à medida que se aproximava o final do ano.⁶ Em segundo lugar, parece claro que o Rio Grande do Sul vai depender, mais do que nunca, da performance da economia norte-americana, não só pelo que essa economia representa para o comércio exterior do Estado, mas também pelo que pode influenciar no comportamento das demais economias do planeta, principalmente as da União Européia, do Japão e da China. Dessa forma, se a recuperação econômica apresentada no início do ano pelos Estados Unidos se mostrar sustentável, é possível que pelo menos parte das perdas no comércio com a Argentina seja recuperada. Se não, será inevitável um resultado negativo para as exportações gaúchas.

Mas há outros fatores a influenciar a performance exportadora do Rio Grande do Sul. Em 2001, os problemas sanitários na Europa, febre aftosa e doença da “vaca louca”, abriram mercado para o aumento nas exportações de soja (grão e farelo), frangos e couros. Esses problemas, atualmente, estão sob controle na Europa, o que significa que a competição voltou a acirrar-se. Os produtores de frango, por exemplo, garantem que pelo menos manterão as fatias de mercado conquistadas, inclusive no Japão, onde ocuparam o espaço dos norte-americanos. No entanto, estes já resolveram os problemas sanitários em suas granjas e estão voltando a negociar com aquele país asiático, da mesma forma como alguns produtores europeus começam a fazer pressão pelo recrudescimento de medidas protecionistas em seu território.

Além disso, deve-se mencionar que o Estado não teve a mesma safra de soja de 2001, e as exportações dessa oleaginosa para a China estão bastante complicadas, em função do certificado para produtos convencionais e transgênicos e da própria redução das aquisições por parte daquele país asiático. Assim, dos principais produtos agrícolas, apenas o fumo parece apresentar uma perspectiva favorável, porque a safra foi recorde e seus principais concor-

⁶ Entre janeiro e junho de 2001, as exportações gaúchas para a Argentina cresceram 1,4%, quando comparadas a idêntico período do ano anterior. Entretanto, quando a comparação é julho a dezembro de 2001 com igual período de 2000, o resultado é uma queda de 25,7% nas exportações do Rio Grande do Sul para aquele mercado.

rentes no mercado externo estão com dificuldade para exportar. Existe também forte possibilidade de um desempenho melhor nas exportações de carne e derivados de suínos e bovinos, porque o Estado voltou a ficar livre da febre aftosa. Mas o impacto que isso pode ter é bastante reduzido, em função da pouca representatividade que esses segmentos produtivos têm sobre o total das exportações gaúchas.

Em relação aos demais produtos, a situação mais crítica é a dos petroquímicos, em virtude de sua dependência do mercado argentino. Calçados e móveis ajustam-se perfeitamente à já mencionada possibilidade de recuperação da economia norte-americana, enquanto poder-se-ia afirmar que as projeções de crescimento para as exportações de motores diesel, carroçarias e ônibus provavelmente se concretizarão, uma vez que, na maioria dos casos, são projeções baseadas em contratos já assinados e que dificilmente deixarão de ser honrados. Por fim, ainda existe a possibilidade, embora remota, de uma expressiva desvalorização cambial, o que, afora obviamente todos os prejuízos que poderia causar à economia brasileira, aumentaria a competitividade do produto nacional no Exterior, com reflexos sobre o desempenho das exportações.

Tabela 1

Valores e composição das exportações, por capítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./01 e jan.-abr./02

CAPÍTULOS	VALORES (US\$ 1 000 FOB)			COMPOSIÇÃO %	
	Jan.-Abr./01	Jan.-Abr./02	Δ%	Jan.-Abr./01	Jan.-Abr./02
64 - Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes	444 854	392 671	-11,73	172,05	181,71
24 - Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	173 292	151 477	-12,59	67,02	70,10
84 - Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc. mecânicos	151 347	143 084	-5,46	58,54	66,21
02 - Carnes e miudezas, comestíveis	131 620	125 858	-4,38	50,91	58,24
87 - Veículos automóveis, tratores, etc. suas partes/acessórios	97 726	104 251	6,68	37,80	48,24
41 - Peles, exceto peleteria (peles, com pêlos), e couros	98 750	89 192	-9,68	38,19	41,27
39 - Plásticos e suas obras	103 053	62 230	-39,61	39,86	28,80
23 - Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	57 074	41 457	-27,36	22,07	19,18
94 - Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	48 991	40 212	-17,92	18,95	18,61
40 - Borrachas e suas obras	37 214	34 211	-8,07	14,39	15,83
44 - Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	27 857	32 678	17,31	10,77	15,12
29 - Produtos químicos orgânicos	52 865	30 448	-42,40	20,45	14,09
15 - Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	30 113	28 819	-4,30	11,65	13,34
85 - Máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc.	22 206	24 757	11,49	8,59	11,46
47 - Pastas de madeiras ou matérias fibrosas celulósicas, etc.	33 167	23 235	-29,95	12,83	10,75
82 - Ferramentas, artefatos de cutelaria, etc. de metais comuns	25 886	20 846	-19,47	10,01	9,65
38 - Produtos diversos das indústrias químicas	12 289	19 797	61,10	4,75	9,16
99 - Transações especiais	18 748	19 650	4,81	7,25	9,09
16 - Preparações de carnes, de peixes ou de crustáceos, etc.	15 155	17 230	13,69	5,86	7,97
42 - Obras de couro, artigos de coureiro ou de seleiro, etc.	11 380	17 148	50,69	4,40	7,94
Subtotal	1 567 052	1 384 873	-11,63	616,34	656,76
Outros	258 557	216 098	-16,42	-516,34	-556,76
TOTAL	1 825 609	1 600 971	-12,30	100,00	100,00

FONTE: MDIC/Sistema Alice

Tabela 2

Valores e composição das exportações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan-abr /01 e jan-abr /02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALORES			COMPOSIÇÃO %	
		Jan.-Abr./01 (US\$ 1 000 FOB)	Jan.-Abr./02 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	Jan.-Abr./01	Jan.-Abr./02
64	Outros calçados de couro natural	349 566	316 672	-9,41	19,15	19,78
24	Fumo não manufaturado nem destalado em folhas secas, etc. tipo Virginia	123 465	118 644	-3,90	6,76	7,41
02	Pedaços e miudezas, comestível de galos ou galinhas, congelados	45 360	58 883	29,81	2,48	3,68
84	Outros motores diesel ou semidiesel, para veículos do capítulo 87	38 735	47 794	23,39	2,12	2,99
02	Carnes de galos ou galinhas, não cortadas em pedaços, congeladas	48 955	47 553	-2,86	2,68	2,97
23	Bagaços e outros resíduos sólidos, da extração do óleo de soja	54 326	38 072	-29,92	2,98	2,38
87	Carroçarias para veículos automóveis; transportam igual ou superior a 10 pessoas ou carga	35 205	29 711	-15,61	1,93	1,86
15	Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	28 675	27 612	-3,71	1,57	1,72
41	Couro ou pele bovina, preparada após curtimento plena flor, com acabamento	40 180	24 921	-37,98	2,20	1,56
39	Outros polietilenos sem carga, dimensão superior ou igual a 0,94, em formas primárias	49 428	24 904	-49,62	2,71	1,56
87	Outros tratores	14 666	22 721	54,92	0,80	1,42
47	Pasta química madeira de não coníferas a soda ou a sulfato, semi/branqueada	30 687	22 511	-26,64	1,68	1,41
87	Veículos automóveis para transporte superior ou igual 10 pessoas, com motor diesel	9 429	21 323	126,14	0,52	1,33
64	Outros calçados de borracha ou plástico	23 927	20 964	-12,38	1,31	1,31
99	Consumo de bordo - combustíveis e lubrificantes para embarcações	17 431	18 899	8,42	0,95	1,18
39	Polietileno sem carga, densidade inferior a 0,94, em forma primária	22 773	17 497	-23,17	1,25	1,09

(continua)

Tabela 2

Valores e composição das exportações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan.-abr./01 e jan.-abr./02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALORES			COMPOSIÇÃO %	
		Jan.-Abr./01 (US\$ 1 000 FOB)	Jan.-Abr./02 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	Jan.-Abr./01	Jan.-Abr./02
24	Fumo não manufaturado total ou parcial destalado em folhas secas, tipo <i>burley</i>	28 528	16 978	-40,49	1,56	1,06
87	Outras partes e acessórios para tratores e veículos automóveis	20 781	16 058	-22,73	1,14	1,00
64	Outros calçados de couro natural, cobrindo o tornozelo	22 195	16 009	-27,87	1,22	1,00
42	Outras obras de couro natural ou reconstituído	10 519	15 859	50,77	0,58	0,99
94	Móveis de madeira para quarto de dormir	14 816	14 154	-4,47	0,81	0,88
94	Outros móveis de madeira	13 472	13 128	-2,55	0,74	0,82
84	Outras máquinas e aparelhos para colheita	10 709	13 096	22,29	0,59	0,82
41	Couro ou pele, inteiro ou meio, de bovino, <i>wet blue</i> , dividido com flor	24 906	13 060	-47,56	1,36	0,82
44	Madeira de coníferas, serrada ou cortada em folhas, etc. espessura 6 mm	10 320	13 058	26,53	0,57	0,82
64	Outros calçados de couro natural e sola exterior de couro	16 470	12 485	-24,20	0,90	0,78
44	Madeira de não coníferas, em estilhas ou em partículas	10 514	12 207	16,10	0,58	0,76
08	Maçãs frescas	7 969	12 042	51,11	0,44	0,75
40	Pneus novos para motocicletas	12 645	11 434	-9,58	0,69	0,71
41	Outros couros ou peles bovinos, secos, plena flor	0	11 192	-	0,00	0,70
93	Outras espingardas ou carabinas para caça ou tiro-ao-alvo	4 915	10 763	118,98	0,27	0,67
68	Outras guarnições não montadas, para freios, de amianto, etc.	6 558	9 557	45,73	0,36	0,60
29	Éter metil-ter-butilico (MTBE)	12 807	9 436	-26,32	0,70	0,59
84	Outros aparelhos de ar condicionado, para paredes ou janelas	16 751	9 079	-45,80	0,92	0,57

(continua)

Tabela 2

Valores e composição das exportações, por mercadorias, do Rio Grande do Sul — jan-abr /01 e jan-abr /02

CAPÍTULOS DA NCM	MERCADORIAS	VALORES			COMPOSIÇÃO %	
		Jan -Abr./01 (US\$ 1 000 FOB)	Jan -Abr./02 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	Jan -Abr./01	Jan -Abr./02
41	Outros couros ou peles bo- vinas, preparar curtimento plena flor, sem acabamen- to	19 918	8 957	-55,03	1,09	0,56
02	Outras carnes de suíno, congeladas	18 118	8 640	-52,31	0,99	0,54
35	Proteínas de soja em pó, teor proteína em base se- ca superior ou igual a 90%	8 226	8 224	-0,02	0,45	0,51
16	Preparações alimentícias e conservas de bovinos	6 820	8 088	18,59	0,37	0,51
39	Polietileno linear, densida- de inferior a 0,94, em for- ma primária	11 068	7 704	-30,39	0,61	0,48
29	Benzeno	19 634	7 556	-61,52	1,08	0,47
40	Borracha de etileno-propil- ileno-dieno não conjuga- do em chapas	6 352	7 391	16,36	0,35	0,46
41	Outros couros ou peles, bovinos, preparados	0	7 139	-	0,00	0,45
09	Outros tipos de mate	6 942	6 608	-4,81	0,38	0,41
10	Milho em grão, exceto pa- ra sementeira	21 386	6 551	-69,37	1,17	0,41
40	Borracha de estireno-bu- tadieno, em outras formas primárias	7 126	6 406	-10,10	0,39	0,40
64	Outros calçados de maté- ria têxtil, sola de borracha ou plástico	11 757	6 153	-47,67	0,64	0,38
32	Extrato tanante, de mimo- sa	6 440	6 146	-4,57	0,35	0,38
24	Desperdícios de fumo	8 902	5 650	-36,53	0,49	0,35
41	Outros couros bovinos, di- vidido umid. plena flor	0	5 548	-	0,00	0,35
85	Outros condensadores fi- xos com dieletr. papel ou plástico	6 503	5 548	-14,69	0,36	0,35
	Subtotal	1 336 875	1 200 585	-10,19	73,23	74,99
	Outros	488 734	400 386	-18,08	26,77	25,01
	TOTAL	1 825 609	1 600 971	-12,30	100,00	100,00

FONTE: MDIC/Sistema Alice

Tabela 3

Valores e composição das exportações, por blocos econômicos,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./01 e jan.-abr./02

PAÍSES	VALORES			COMPOSIÇÃO %	
	Jan.-Abr./01 (US\$ 1 000 FOB)	Jan.-Abr./02 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	Jan.-Abr./01	Jan.-Abr./02
NAFTA	625 981	611 379	-2,33	34,29	38,19
Estados Unidos	520 909	540 160	3,70	28,53	33,74
México	83 311	46 554	-44,12	4,56	2,91
Canadá	14 801	17 134	15,76	0,81	1,07
Porto Rico	6 960	7 531	8,20	0,38	0,47
ALADI (exclui o México)	424 225	248 492	-41,42	23,24	15,52
Mercosul	298 827	113 910	-61,88	16,37	7,12
Argentina	204 283	47 788	-76,61	11,19	2,98
Uruguai	59 079	36 139	-38,83	3,24	2,26
Paraguai	35 465	29 983	-15,46	1,94	1,87
Demais países da ALADI (exclui o México)	125 398	134 582	7,32	6,87	8,41
Chile	47 752	48 908	2,42	2,62	3,05
Venezuela	23 695	27 760	17,16	1,30	1,73
Colômbia	19 024	18 832	-1,01	1,04	1,18
Bolívia	15 201	17 611	15,85	0,83	1,10
Equador	8 145	9 451	16,03	0,45	0,59
Peru	8 111	7 749	-4,46	0,44	0,48
Cuba	3 470	4 271	23,08	0,19	0,27
UNIÃO EUROPÉIA	369 615	324 999	-12,07	20,25	20,30
Reino Unido	62 579	67 434	7,76	3,43	4,21
Alemanha	67 454	58 387	-13,44	3,69	3,65
Itália	70 960	48 020	-32,33	3,89	3,00

(continua)

Tabela 3

Valores e composição das exportações, por blocos econômicos,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./01 e jan.-abr./02

PAÍSES	VALORES			COMPOSIÇÃO %	
	Jan.-Abr./01 (US\$ 1 000 FOB)	Jan.-Abr./02 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	Jan.-Abr./01	Jan.-Abr./02
Países Baixos	44 954	41 787	-7,04	2,46	2,61
Espanha	44 187	35 775	-19,04	2,42	2,23
França	20 288	27 613	36,11	1,11	1,72
Bélgica	28 463	23 607	-17,06	1,56	1,47
Portugal	9 087	9 034	-0,58	0,50	0,56
Grécia	2 245	3 750	67,04	0,12	0,23
Suécia	2 851	3 077	7,93	0,16	0,19
Áustria	2 124	2 454	15,54	0,12	0,15
Irlanda	3 524	2 190	-37,85	0,19	0,14
Dinamarca	9 706	1 116	-88,50	0,53	0,07
Finlândia	1 065	427	-59,91	0,06	0,03
Luxemburgo	0	133	-	0,00	0,01
Ilhas Canárias	128	124	-3,13	0,01	0,01
San Marino	0	71	-	0,00	0,00
ÁSIA (exclui o Oriente Médio) ...	162 704	142 233	-12,58	8,91	8,88
Japão	22 590	32 244	42,74	1,24	2,01
Hong Kong	32 625	29 189	-10,53	1,79	1,82
China	36 558	22 760	-37,74	2,00	1,42
Coréia do Sul	7 687	12 118	57,64	0,42	0,76
Cingapura	6 921	9 618	38,97	0,38	0,60
Filipinas	11 680	9 527	-18,43	0,64	0,60

(continua)

Tabela 3

Valores e composição das exportações, por blocos econômicos,
do Rio Grande do Sul — jan.-abr./01 e jan.-abr./02

PAÍSES	VALORES			COMPOSIÇÃO %	
	Jan.-Abr./01 (US\$ 1 000 FOB)	Jan.-Abr./02 (US\$ 1 000 FOB)	Δ%	Jan.-Abr./01	Jan.-Abr./02
Indonésia	9 820	6 953	-29,20	0,54	0,43
Taiwan (Formosa)	7 066	4 566	-35,38	0,39	0,29
Tailândia	2 816	3 514	24,79	0,15	0,22
Índia	4 398	3 512	-20,15	0,24	0,22
Malásia	5 218	3 512	-32,69	0,29	0,22
Outros	15 325	4 720	-69,20	0,84	0,29
ORIENTE MÉDIO	60 096	76 845	27,87	3,29	4,80
Irã	7 935	28 585	260,24	0,43	1,79
Arábia Saudita	28 813	16 506	-42,71	1,58	1,03
Emirados Árabes	6 933	10 597	52,85	0,38	0,66
Iemem	3 674	6 673	81,63	0,20	0,42
Coveite	5 087	4 561	-10,34	0,28	0,28
Israel	2 628	2 759	4,98	0,14	0,17
Outros	5 026	7 164	42,54	0,28	0,45
ÁFRICA	51 232	52 643	2,75	2,81	3,29
EUROPA ORIENTAL	43 745	57 480	31,40	2,40	3,59
Rússia	24 729	28 198	14,03	1,35	1,76
Outros da Europa Oriental	19 016	29 282	53,99	1,04	1,83
OCEANIA	7 665	11 194	46,04	0,42	0,70
OUTROS (inclui provisão de na- vios e aeronaves)	80 346	75 706	-5,78	4,40	4,73
TOTAL	1 825 609	1 600 971	-12,30	100,00	100,00

FONTE: MDIC/Sistema Alice

Bibliografia

BALDI, Neila. China e Índia vão ampliar compra de soja brasileira. **Gazeta Mercantil**, Porto Alegre, p. B-16, 17 abr. 2002.

BARREIRAS aos suínos na Europa. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B10, 4 abr. 2002.

CHINA aceita soja brasileira sem certificação. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B12, 15 abr. 2002.

CIGANA, Caio. Exportação recorde de fumo vai render US\$ 1 bi este ano. **Gazeta Mercantil Sul**, Porto Alegre, p. 1, 15 maio 2002.

CIGANA, Caio. Sul bate recorde na colheita de fumo este ano. **Gazeta Mercantil Sul**, Porto Alegre, p. 1, 4 mar. 2002a.

ESTADO deve ter a maior safra da história. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 24 maio 2002. Caderno Dia da Indústria, p. 17.

EXPORTAÇÕES crescem mesmo com retração na Argentina. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 24 maio 2002. Caderno Dia da Indústria, p. 17.

EXPORTADORES descartam Argentina dos negócios. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 14, 31 maio/2 jun. 2002.

GARCIA, Álvaro A. O comércio exterior do RS em 2001. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 94-128, fev. 2002.

INDÚSTRIA busca reconquistar mercados. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 24 maio 2002. Caderno Dia da Indústria, p. 38.

IPIRANGA prevê recuperação dos preços. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 24 maio 2002. Caderno Dia da Indústria, p. 9.

MARCOPOLO conquista recorde de venda de ônibus no País. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 24 maio 2002. Caderno Dia da Indústria, p. 18-19.

MORAES, Sônia. Motor brasileiro tipo exportação. **Gazeta Mercantil**, Porto Alegre, p. C-6, 26 maio 2002.

RÚSSIA garante maior exportação de suínos. **Valor Econômico**, São Paulo, p. B12, 14 mar. 2002.